

6. CONCLUSÃO

A área de segurança da informação na maioria das empresas não tinha muita projeção até meados de 2001, quando ocorreu o atentado às torres do World Trade Center. As intensas atividades de vírus iniciadas em 2002 também contribuíram para o fortalecimento da área. Devido a diversos eventos trágicos e muitos outros de menor porte, a segurança da informação tem saído do enfoque estritamente técnico para ser elevada ao nível estratégico.

As pesquisas acadêmicas têm demorado a acompanhar esse movimento, visto que a literatura disponível se concentra tão somente no enfoque técnico. A contribuição deste estudo foi exatamente em abordar a segurança da informação e a continuidade de negócios na perspectiva estratégica.

Devido aos resultados alcançados, podemos afirmar que esta pesquisa conseguiu atingir os objetivos a que se propôs, estabelecendo um retrato atual dos planos de continuidade de negócios das empresas brasileiras.

O percentual de um quinto de empresas que possuem um PCN, apesar de não ser surpreendente, é muito preocupante. Em outras palavras, mais de três quartos das empresas estão correndo sérios riscos de terem perdas de recursos financeiros, humanos e materiais, estando até mesmo sujeitas à falência.

Voltamos a reforçar que eventos catastróficos são raros, mas pequenos incidentes podem interromper as atividades operacionais de uma empresa por longos períodos de tempo. A continuidade de negócios deve ser tratada como tema de caráter estratégico, sendo discutida em nível de diretoria e ter suas diretrizes disseminadas por toda a empresa.

A pesquisa mostrou que a maioria das empresas está preocupada com a segurança de seus negócios, mas a conscientização dos riscos que as ameaçam ainda não é forte o suficiente para que destinem os recursos necessários para a área. Pôde ser constatada uma lacuna entre o apoio afirmado pela diretoria e a efetiva liberação de recursos.

Para as empresas que não possuem ainda um alto grau de maturidade em segurança da informação, recomenda-se uma avaliação criteriosa da sua atual exposição aos riscos e a observação da quantidade e intensidade de incidentes que

ocorrem no dia-a-dia. A falta de conhecimento não pode ser mais desculpa para a falta de investimento em SI.

A visão da maioria dos executivos de que todos os investimentos devem gerar retorno financeiro tem contribuído para essa restrição orçamentária. Note-se que a tendência de variação do orçamento em SI e PCN para a maior parte de empresas é de manutenção. Novamente, faz-se um alerta de que a segurança da informação deve ser tratada como um seguro, sendo que cada empresa deve estudar suas necessidades, a fim de estabelecer o nível mais adequado de segurança para seu caso.

Este estudo está sendo realizado por poucas empresas e ainda de forma tímida, conforme demonstrado na pesquisa. A grande maioria das empresas que possui PCN revisa seus planos pelo menos uma vez por ano, mas são poucas as que realizam a análise de riscos e a de impacto nos negócios. A falta dessas análises deixa as empresas sem conhecimento dos novos riscos aos quais estão submetidas. Logo, recomenda-se a realização dessas análises periodicamente.

Um fato positivo é que as empresas além de revisarem seus planos, realizam simulações para testar os procedimentos descritos. Infelizmente, a abrangência das simulações não inclui todos os elos da cadeia e a totalidade dos funcionários não são sempre envolvidos. Portanto, recomenda-se aumentar o alcance das simulações para englobar todos os participantes da cadeia.

Pôde-se também constatar que, embora três quartos das empresas treinem suas equipes de TI em segurança da informação, apenas uma minoria estende o treinamento para a totalidade de seus funcionários.

Outro fato positivo é que a grande maioria das empresas que possui um PCN treina sua equipe de TI em continuidade de negócios. No entanto, elas ainda não estão certas de que eles estejam bem preparados para agir nos casos de incidentes. O mesmo se aplica ao treinamento ministrado aos outros funcionários. Por conseguinte, recomenda-se às empresas aumentar e melhorar o treinamento dos seus funcionários.

Por fim, fica aqui a recomendação para todas as empresas de todos os portes, atuando nos mais diversos setores, para apurarem corretamente os riscos que estão atravessando e as conseqüências que os incidentes podem causar. Os

impactos podem certamente justificar o investimento em um plano de continuidade de negócios.

Infelizmente, não foi possível realizar comparações temporais, mas espera-se um incremento da preocupação com a segurança da informação nos próximos anos. Novas pesquisas futuras seriam interessantes exatamente para permitir avaliar a evolução do grau de maturidade das empresas com relação à continuidade de negócios.

A maturidade deverá trazer benefícios para os próximos investigadores, uma vez que a alta resistência encontrada nesta pesquisa em se obter informações referentes à segurança da informação nas empresas foi uma limitação ao estudo, porém ela deve se reduzir ao longo tempo.

Outras limitações desta pesquisa também devem se atenuar paulatinamente. A escassa bibliografia será incrementada, o reduzido número de empresas com interesse em participar neste tipo de pesquisa deverá aumentar e novos indicadores serão propostos – este estudo foi o primeiro a propor alguns. Atenuadas estas limitações, será possível realizar pesquisas mais completas, generalizando os resultados obtidos para todas as empresas brasileiras, o que não é possível fazer a partir desta pesquisa.

Portanto, este trabalho serve como ponto de partida de outras pesquisas acadêmicas na área, em particular no Brasil, onde ainda não existem pesquisas semelhantes. Há uma gama repleta de oportunidades para serem exploradas. Algumas sugestões são em avaliar a qualidade dos treinamentos em segurança, analisar detalhadamente o alinhamento da estratégia de segurança da informação, inserida dentro da estratégia de tecnologia da informação, com a estratégia de negócios da empresa, estudar a assimilação da cultura de segurança da informação pelos funcionários, comparar a criticidade do PCN em diferentes indústrias, buscar uma forma de se medir o retorno do investimento em continuidade de negócios, entre outras.